

O Movimento Mucker na visão de dois pastores evangélicos*

Por Martin N. Dreher**

Resumo:

Após examinar o contexto social e religioso europeu de onde partiram os imigrantes, o presente texto explora relatos sobre o movimento Mucker feitos pelos pastores luteranos Rotermund e Schmierer, que atuaram na região de São Leopoldo e Sapiranga imediatamente após o desfecho do conflito. Suas opiniões são muitas vezes antagônicas, ora responsabilizando a ignorância dos colonos; ora o abandono dos emigrados de parte da Igreja Alemã; ora a maçonaria e os políticos locais, ferrenhos areligiosos; ora a esperteza dos Maurers. Também louvam a piedade genuinamente evangélica dos Maurers. Interpretando a opinião dos pastores, conclui-se que os Muckers evidenciam “um choque entre uma piedade reavivalista e duas frentes que se lhe opõem: o cristianismo iluminista e o ateísmo materialista, mesclado com um mal digerido darwinismo”. Em termos religiosos, os Muckers caracterizam-se como uma “piedade popular em luta com seus detratores. Há lamento sobre a situação em que se encontra a Igreja, muita leitura bíblica, culto doméstico, seriedade ética. A hermenêutica é alegórica e recebe contornos quiliásticos. A seriedade ética e moral leva-os a ser ‘consciência’ da Colônia, o que, naturalmente, vai levar à reação”. O relato dos pastores permite ainda perguntar se ao invés de caracterizar os Muckers como reação ao projeto de sinodalização da Igreja, sua clericalização, não estariam eles reagindo à Igreja dos pastores-colono, apoiando a clericalização.

1. A localização da questão

O movimento Mucker empolgou a Colônia Alemã de São Leopoldo e até a presente data não se obteve unanimidade na interpretação dos acontecimentos¹.

* Texto originalmente publicado em DREHER, Martin N (ed.). *Peregrinação: estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60º aniversário*. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p. 102-112. A editora gentilmente cedeu os direitos para publicação online.

** Martin Norberto Dreher é teólogo, pastor na IECLB, Doutor em história da Igreja. Foi Reitor da Escola Superior de Teologia e, atualmente, é professor na pós-graduação em História na UNISINOS.

¹ Cf. as publicações de Ambrósio SCHUPP, *Die “Mucker”; eine Episode aus der Geschichte der deutschen Kolonien von Rio Grande do Sul, Brasilien*, 2. ed., Paderborn, Bonifacius-Druckerei, 1906, 352p.; Leopoldo PETRY, *O episódio do Ferrabraz; Die Mucker; Erkenntnisse und Schlussfolgerungen zur Geschichte der Mucker am Ferrabraz*, 2. ed., Porto Alegre: Metrópole, s. a., 248p.; Moacyr DOMINGUES, *A nova face dos Muckers*, São Leopoldo: Rotermund, 1977, 432 pp.; Janaína AMADO,

Certo é que se tratou de movimento messiânico, devendo ser comparado ao que aconteceu em Canudos, no Contestado e no Caldeirão. Uma diferença do movimento Mucker em relação aos demais movimentos mencionados é que os Muckers foram preponderantemente protestantes, tendo sido liderados por vulto feminino, Jacobina Mentz Maurer.

A análise do movimento até agora pouco tem levado em conta a piedade dos envolvidos. Os termos “sectários” ou “fanáticos” pouco ou nada auxiliam na interpretação, pois os que deles se valem conferem-lhes, desde o início, conotação negativa e que nem sempre faz jus ao significado etimológico da palavra. No entanto, a piedade dos envolvidos é fundamental para entendê-los, independente dos juízos anteriores que se tenha a respeito de sua ortodoxia. As formas de piedade, aliás, pouco têm de ortodoxas. Estudo bíblico, canto religioso e orações, por outro lado, fazem, tradicionalmente, parte do protestantismo alemão, do qual Jacobina e a maior parte de seus adeptos são provenientes. Estudo bíblico, canto e orações também fazem parte, em nossos dias, das Comunidades Eclesiais de Base na Igreja Católica Apostólica Romana da América Latina. No século passado, leitura da Vida dos Santos (*Heiligenlegenden*) canto e orações faziam parte da vida das famílias católico-romanas da Colônia Alemã de São Leopoldo. Onde está a diferença? Minha tese é a de que a diferença esteja em diferentes formas e acentos de piedade. Tais formas e acentos é que vão ser mais ou menos ortodoxos.

Pode-se falar de um tipo de piedade protestante na Colônia Alemã de São Leopoldo? Certo é que não podemos falar de uniformidade na piedade em São Leopoldo, no século XIX, nem entre evangélicos nem entre católico-romanos. A diversidade da sua proveniência é muito grande. Há, porém, isso é sabido, um grupo que se distingue em virtude de seu maior número: trata-se dos imigrantes provenientes do Planalto do *Hunsrück*, no Palatinado.

Conflito social no Brasil; a revolta dos “Mucker”, Rio Grande do Sul 1868-1898, São Paulo: Símbolo, 303p.

Realizando pesquisas sobre o imigrante da região do Palatinado², verifiquei que nesta região jamais houve algo semelhante a um reavivamento religioso. Movimentos como o Pietismo jamais encontraram número significativo de adeptos. Os habitantes da região, aliás, sofreram muito por questões religiosas, em virtude das diversas vezes em que tiveram que, por disposição das casas reinantes, mudar de credo cristão: foram luteranos, depois calvinistas, depois católico-romanos³. Ora o interior de seus templos teria feições católico-romanas, ora o rigor calvinista, ora a polifonia luterana. Ora a procissão de Corpus Christi lhes seria proibida, ora dela seriam forçados a participar. Ora haveria crucifixo, flores e velas sobre um altar, ora o rigor calvinista eliminaria estes sinais. É quase que evidente que, ao longo do tempo, para os habitantes do Palatinado, religião seria algo a respeito do que não se fala publicamente; não se faz pública confissão de fé! Fé é algo interior que quase não se comunica, pois pode mudar “a casa reinante”. Conseqüência disso é que religião é coisa privada. Vai-se ao culto ou à missa, mas não se fala nem se procura converter o outro para nossa convicção religiosa - para a convicção política sim. Lembro de minha avó paterna lendo seu livro de oração, fechada em seu quarto; não me lembro de ela falar de sua fé. Vejo-a indo à igreja, mas não a vejo testemunhar com palavras sua fé. Os avós dela vieram do *Hunsrück*. Será que a mãe e a avó dela terão ensinado que de religião não se fala por ser coisa perigosa? A avó dela, aliás, era prima de Jacobina.

Mais uma observação: o interior de muitas igrejinhas da região da antiga Colônia Alemã de São Leopoldo mostra as feições das mudanças de credo cristão pelas quais os imigrantes do *Hunsrück* tiveram que passar. Há nelas altar, nem velas, flores e paramentos; no mais, porém, as paredes revelam toda a influência calvinista. Agrada-se aos dois lados, busca-se não desgostar a ninguém. Por isso, em 1864,

² Cf. p. ex. o estudo de Ernst KOCH. *Pfälzisches Volksdeutschtum und Evangelische Kirche*. In: Ernst SCHUBERT (Ed.). *Auslanddeutschtum und evangelische Kirche*. Jahrbuch 1938. München, Kaiser, 1938, pp. 84-166.

³ Cf. Ernst KOCH, op. cit., p. 90-96.

Hermann Borchard escreveria a respeito do interior do templo da Comunidade Evangélica de São Leopoldo:

Na igreja encontra-se um retábulo, a ascensão de Cristo, originalmente destinado a um convento católico e, mais tarde, dado de presente, por dois comerciantes ingleses de Porto Alegre, à comunidade local. Sobre o altar há velas. Na celebração da Santa Ceia é usado pão. Ao invés de um cálice de Santa Ceia usa-se um copo comum, ao invés do jarro de Santa Ceia usa-se um copo comum, ao invés do jarro de Santa Ceia usa-se a garrafa, ao invés da pia batismal usa-se uma velha bacia. Como [...] pode ver, temos aqui uma mistura caótica de reformado e luterano e algo de católico, de cristão e racionalista, de hábitos cristãos e de maus hábitos.⁴

Sobre a situação religiosa geral entre os imigrantes da Colônia Alemã de São Leopoldo ainda são reveladoras outras palavras de Borchard:

No tocante à situação religiosa, em geral, da população daqui, vale a respeito dos evangélicos o que um católico me disse a respeito da Igreja Católica: “Não se encontra religiosidade no Brasil”. Livros ateus como o Evangelho da Natureza, maus romances e escritos racionalistas de toda a espécie encontram o caminho através do Oceano. Romances são mais lidos do que a Bíblia, e o salão de baile tem maior poder de atração e a Igreja, a santificação do dia do descanso é desconhecida. Mesmo assim não se encontra tão vil “descrença como entre os alemães na América do Norte [...]. O que encontramos aqui é completo indiferentismo. A religião é algo que não os interessa, para a maioria ela está fora de seu campo de reflexão. Um princípio, bastante difundido por aqui, diz: “O pastor e a religião são bons para as crianças” [...]. Um sentimento religioso vago, tradicional, também ficou entre os aqui nascidos. Seus pais eram pobres proletários e trouxeram pouca fé da Alemanha consigo; mas eles ainda têm a velha Bíblia da família da Alemanha e esta os lembra de que são cristãos evangélicos. Eles também ouviram que seus pais muitas vezes andaram milhas para batizá-los, por isso eles também querem batizar seus filhos e confirmá-los. O amor dos filhos e a educação religiosa dos filhos constitui quase que o único ponto de partida para se realizar aqui qualquer atividade missionária.⁵

Nesse ambiente em que fé não era algo que se exteriorizasse, em que para o pastor vindo da Alemanha muitas questões eram fonte de escândalo, as reuniões na

⁴ Cf. Martin N. DREHER. Hermann Borchard em São Leopoldo. In: Telmo MÜLLER. *Simpósio de história da Igreja*. São Leopoldo: Rotermund/Sinodal, 1986. p. 31.

⁵ Cf. Martin N. DREHER, op. cit., p. 30.

casa dos Maurers, junto ao Ferrabraz, devem ter causado sensação. Ali havia exteriorização da fé. Quem assim agia podia ser alvo de chacotas.

Qual era, porém, a fé exteriorizada? Aqui a situação se complica. Os subsídios são poucos.

Dois pastores que atuaram em São Leopoldo e em Sapiranga, a antiga Fazenda Leão (*Leonerhof*), pouco após o final sangrento do episódio Mucker, falam do que encontraram em termos de piedade na Colônia. Trata-se de Wilhelm Rotermund e de Johann Caspar Schmierer⁶. Rotermund embarcou em Hamburgo, na Alemanha, a 6 de novembro de 1874. A 2 de agosto deste ano os Muckers eram dizimados por San Tiago Dantas. Sua chegada se dá, portanto, poucos meses após o fim dos eventos, pois a 2 de agosto de 1874 a questão terminara. Johann Caspar Schmierer foi pastor em Sapiranga de 1876 a 1886, estando sepultado no cemitério evangélico de Juiz de Fora, Minas Gerais, falecido em consequência de febre tifóide, a 9 de março de 1886. Rotermund permaneceria em São Leopoldo até a sua morte, em 1925⁷.

Vejamos os relatos:

2. O relato de Rotermund

Ao iniciar suas atividades em São Leopoldo, Rotermund encontrava-se em situação delicada. O movimento messiânico estava dizimado. Piedade era, pois, algo negativo. Os setores maçônicos vêem a atividade do pastor como tentativa de manter

⁶ Sobre Rotermund, dentre as muitas publicações a seu respeito, cf. Erich FAUSEL. *D. Dr. Rotermund; ein Kampf um Recht und Richtung des evangelischen Deutschtums in Südbrasilien*. São Leopoldo: Verlag der Riograndenser Synode, 1936, 248p. Sobre Schmierer, cf. Ferdinand SCHRODER. *Brasilien und Wittenberg; Ursprung und Gestaltung deutschen evangelischen Kirchentums in Brasilien*. Berlin e Leipzig: Walter de Gruyter, 1936, p. 7s, 86, 326, 342.

Cf. Die Arbeit unter den evangelischen Deutschen in Brasilien. In: *Der Ansiedler im Westen; Zeitschrift der Berliner Gesellschaft für die deutsch-evangelische Mission in America*, Berlin, 14: 8ss., 1976: 113-119, 133-138, IS1-ISS; 171-174; 181-183.

⁷ Trata-se do pastor-colono F. W. C. Böber. Cf. a seu respeito Carlos H. HUNSCHÉ. *P. Heinrich W. Hunsche e os começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil*. São Leopoldo: Rotermund, 1981, p. 178.

o povo na ignorância e com consciência servil. Leitura bíblica e piedade levam ao muckerismo.

Como vê Rotermund os acontecimentos em torno da família Maurer? Rotermund considera João Jorge e Jacobina pessoas “crescidas atrás das moitas” (“hinter den Hecken aufgewachsen”) tendo formação semelhante a dos demais camponeses alemães no Brasil. João Jorge é tido por analfabeto, Jacobina por semi-alfabetizada. Freqüentavam assiduamente os cultos do P. Haesbaert. A mãe de Jacobina teria sido adepta de seita na Alemanha e mantido círculo de seguidores rio Brasil. Jacobina, assim relatam a Rotermund, seria mulher de moral dúbia e sonâmbula. A atenção da população em relação aos Maurers, no entanto, teria sido despertada pelas curas maravilhosas feitas por João Jorge. Tais curas teriam levado muitas pessoas a segui-lo. Em certa oportunidade, João Jorge teria afirmado que os medicamentos lhe seriam prescritos pela esposa, quando em estado de sonambulismo.

Fato é que Jacobina gostava de dialogar com os pacientes de seu marido a respeito de assuntos religiosos, lamentava a situação deplorável em que se encontrava a Igreja e recomendava que as famílias se reunissem à noite para a leitura da Bíblia. ‘A maioria de suas afirmações dessa época, que me foram relatadas, atestam uma moral séria e ao mesmo tempo um fundo de conhecimento cristão’. O problema, segundo Rotermund, seriam as idéias quiliásticas que se apresentariam em suas interpretações. O relatante não reproduz a hermenêutica da própria Jacobina, mas lega-nos interpretações que encontra na Colônia:

Não se pode ser tão estúpido e rude a ponto de afirmar que Adão tenha sido casado com Eva, também se nega que Abraão tenha tido filho com Hagar (‘isso significa alguma coisa’, Gl 4.24); e quem julgar que as bodas de Caná realmente tenham acontecido tem que ter um espírito muito ‘carnal’. A água de Enom perto de Salim, onde João batizava (Jo 3.23), não era água real, mas significa que ali muitos pecados foram perdoados. Ninguém será tão simplório a ponto de crer que Saul realmente tenha procurado as jumentas de seu pai (1 Sm 6); a jumenta é um animal de carga e significa; uma má

consciência. Também nossa árvore de Natal está pré-figurada na Bíblia, qual seja, na árvore (forca), na qual Hamã foi enforcado (Ester 7.10), a qual também é típica para o tempo final. E caso o leitor quisesse ser tão ousado a ponto de fazer uma observação contra tal eis-exegese, encontrará o revide: Mas Jesus afirma: Então olhe para os montes quem estiver na terra da Judéia! Como? O quê? pergunta o leitor. 'Creio que agora cada um está em condições de se colocar na situação de colonos que: escutam devotos e interessados os oráculos do colega [...]. Fui o suficientemente indiscreto, a ponto de perguntar pelo sentido dessa resposta obscura e fiquei sabendo que Jesus estaria admoestando seus discípulos a buscarem um sentido mais profundo para a interpretação.

Rotermund é de opinião que Jacobina também tenha se valido desse tipo de hermenêutica e que toda a passagem bíblica tenha recebido uma interpretação alegórica. Tudo teria um significado que ainda estaria por ser cumprido. Rotermund pensa, inclusive, que Jacobina tenha sido desonesta e que tenha conscientemente falsificado, do a interpretação bíblica. Quando não conseguia mais sincronizar sua interpretação com o texto bíblico, apresentava sua "leitura" como profecia, procurando dar a entender que Deus estaria falando por sua boca. Tais profecias, Jacobina teria proferido deitada "em situação de dormência", tendo convulsões. Em uma oportunidade teria lido sua profecia "de uma folha em branco que o encadernador encaderna no final de toda a Bíblia. Mais tarde, leu dela os nomes daqueles que, segundo a ordem de Deus, deveriam ser mortos. Encontra-se muitas vezes a crença de que nessa folha se encontram muitas coisas importantes que, no entanto, só podem ser lidas por iniciados".

Rotermund rejeita com veemência as versões que afirmam terem "todos os sujeitos depravados do município de São Leopoldo se reunido na casa de Maurer na Fazenda Leão e formado um bando de criminosos, e que todo o movimento teria sido comunista". Para ele, "o movimento foi religioso". As pessoas que se reuniam em torno de Jacobina eram "das mais dignas e melhores dá região".

O pastor da Comunidade Evangélica de São Leopoldo não consegue explicar detalhadamente o desenvolvimento da questão. Fato é que para ele "em breve,

Jacobina tinha transferido o passado histórico da Bíblia para o futuro”. Via os anúncios bíblicos se realizando no presente. “Cristo teria vindo para erigir seu reino”. Jacobina teria afirmado de si: “Olhai para mim! Não dou valor à aparência externa [...] tenho minha alegria em Deus e em suas palavras; oro para ele, e ele fala comigo; eu sou Cristo”.

Tal afirmação teria levado muitos a se afastarem dela. Outros, porém, e estes eram os melhores(!) e mais inteligentes(!), foram atraídos por Jacobina! A força de atração de Jacobina deve ter sido impressionante. Segundo Rotermond, movidos por essa força de atração, Jacobina e João Jorge ter-se-iam excluído da Comunidade Evangélica de Fazenda Leão e exigido o mesmo procedimento de seus adeptos. Interessante é a fundamentação teológica oferecida: “Não necessitariam das pedras do templo, pois seriam eles próprios pedras vivas; eram templo do Deus vivo, e não seria necessário freqüentar um templo feito com mãos humanas”.

Nos cultos particulares do movimento, Jacobina interpretava a Bíblia. Suas pregações eram ouvidas “com incrível devoção e credulidade”. Jacobina ter-se-ia valido de interpretações de fenômenos da natureza. Vestindo veste branca teria, na opinião de adeptos, flutuado ante seus olhos. A pergunta que dirigia a seus adeptos: “Quem de vós ainda duvida que eu seja Cristo..., que se aproxime”, não era contestada. Jacobina profetizava, desaparecia ante os olhos dos adeptos e nomeava apóstolos. Rotermond, que recebeu todos estes relatos de segunda mão, se pergunta: Estariam Jacobina e João Jorge, conscientemente realizando trapaça? E responde: “É difícil de se dizer”.

Relata a atuação dos pastores da vizinhança, entre eles o Pastor Wegel, de São Leopoldo, que visitaram os colonos, de casa em casa. Tais visitas teriam evitado o crescimento do grupo de Jacobina, cujos adeptos, no entanto, ter-se-iam mostrado irredutíveis na decisão de segui-la.

Com impressionante clareza, Rotermond descreve as causas que levam à exacerbação dos ânimos. Surgem pessoas que debocham da “vigarista” e de seus “loucos e dementes” adeptos. As pobres pessoas não podem mais aparecer em público, sem que lhes sejam proferidas “toda a espécie de codinomes ofensivos à honra”. Cortam-se os rabos de seus cavalos, destrói-se a roupa que deixam no quarador. Surge também o codinome pejorativo “Mucker”, que lhes teria sido aplicado pelo pastor de Fazenda Leão, um pseudo-pastor⁸. “Desde então ficaram com esse nome, que muito bem servia aos inimigos do evangelho, para porem em dúvida o cristianismo, a Bíblia e a piedade”. Sábia é a observação: “As conseqüências de tal procedimento podem ser imaginadas. O deboche sempre machuca, especialmente quando atinge coisas que nos são santas e das quais deixamos depender nosso destino, no futuro”. Os Muckers viram o escárnio, “muitas vezes realmente blasfemo”, como inimizade contra Deus e Cristo. Tal situação teria facilitado o trabalho de Jacobina em fanatizar por completo o grupo.

Doravante uma série de passagens bíblicas passaria a ter importância significava para o grupo. Destacadas são as passagens que falam a respeito dos fariseus, que agora encarnam os adversários do grupo. Igualmente destacados são os capítulos 1, 2, 11 e 12 do Apocalipse de João. Eles servem para fortalecer a fé no Cristo Jacobina e para explicar acontecimentos que estão por vir. Especial atenção Jacobina dá às palavras de Jesus: “Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder. Tenho, porém, um batismo com o qual hei de ser batizado; e quanto me angustio até que o mesmo se realize. Supondes que vim para dar paz a terra? Não, eu vo-lo afirmo, antes, divisão. Porque daqui em diante estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três. Estarão divididos: pai contra filho, filho contra pai; mãe contra filha, filha contra mãe; sogra contra nora, e nora contra sogra” (Lucas 12.49-53). A passagem ajuda o movimento a responder ao

⁸ Johann Caspar SCHMIERER. Die Gemeinde Leonerhof in Südbrasilien und der Muckeraufstand. In: *Der Deutsche Ansiedler; Organ der evangelischen Gesellschaft für die protestantische Mission in America zu Barmen und der Berliner Gesellschaft für die deutsche evangelische Mission in America*, Barmen, 24: 69-72, 1886.

escárnio com ameaças. As palavras de Paulo, em 2 Coríntios 4.3-6 não careciam de grande interpretação e eram aplicadas diretamente ao grupo e a Jacobina. Um atentado vai logo ser interpretado como ação dos Muckers. São aprisionados, mas soltos por falta de provas. A amargura predomina. Os escarnecidos se armam. A 30 de abril de 1874, o órfão Jorge Haubert, ex-adepto dos Muckers, era assassinado. O terror se instala na Colônia, provocando a intervenção militar. O exército “não produziu ato heróico, muito sangue correu desnecessariamente”. A 2 de agosto de 1874 os Muckers eram dizimados.

“A maioria dos Muckers está morta, os demais ainda se encontram na prisão. Alguns foram condenados e apelaram, outros ainda não foram processados. Nenhum juiz de direito deseja queimar seus dedos nesta melindrosa história, e há meios para se transferir as sessões de um tribunal do júri para o outro. Tanto quanto se ouve dos prisioneiros, ninguém ainda modificou sua opinião. Os homens, cujas esposas voltaram a se filiar à Comunidade e enviam seus filhos à escola, estão fora de si. Suas famílias e parentes temem o dia em que voltam a gozar de liberdade”.

Rotermund presencia em São Leopoldo uma tripla interpretação dos acontecimentos: 1. O grupo adversário da Igreja - Rotermund pensa aqui em Carlos von Koseritz, que por muitos anos será seu adversário - vê nos acontecimentos uma admoestação e advertência ante Mucker, pietistas, pastores e Bíblia. A Bíblia seria “o livro mais pernicioso do mundo”. No fundo, todo pastor gostaria de assumir o papel do “profeta” Maurer. 2. Os jesuítas estariam aproveitando a oportunidade para afirmar que o movimento Mucker evidenciaria a essência do protestantismo. Rotermund comenta que os jesuítas estariam esquecendo que, no mínimo, metade dos Muckers eram católico-romanos. 3. Um grupo mais eclesiástico estaria falando que todo o acontecimento Mucker teria sido encenado para arruinar a fé cristã, com muito dinheiro de pessoas influentes e da maçonaria. O argumento desse grupo parte da observação de que os líderes do movimento teriam tido, originalmente, boas relações com os adversários da palavra de Deus. Muito dinheiro teria corrido de

Porto Alegre para a Fazenda Leão, a guerra contra os Muckers teria tido todo o jeito de guerra aparente, Maurer teria desaparecido ao invés de ser morto. - Rotermund pensa que esta terceira interpretação é falsa. Pesquisas que estão sendo realizadas em nossos dias, porém, mostram que não são tão infundadas.

Por outro lado, Rotermund também pergunta pelas influências deixadas pelo movimento Mucker. Encontra pessoas que outrora liam a Bíblia, mas que agora a deixam de lado. Maurer as levava à leitura bíblica, depois de sua morte deixam de fazê-lo. Quem se preocupa com sua salvação eterna é apelidado de “Mucker”. Movimentos de reavivamento que surgem em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul são logo colocados sob a suspeita de muckerismo. Positivamente, porém, Rotermund constata que a vida religiosa não desapareceu no Rio Grande do Sul entre os evangélicos. Ela ressurgiu, tem que lutar contra “os apóstolos do materialismo e do darwinismo”. Enorme é o peso que se coloca sobre o trabalho pastoral. “Onde se começa a orar e a pesquisar na Escritura, onde não se é mais rude em palavras e ações, aí se cheira o ‘Mucker’”. Todos julgam ser melhor parecer um beerrão, um falsário, um ladrão do que um “Mucker”. Rotermund, porém, é grato por todo sinal de vida que ressurgiu. O livro de orações de Friedrich Stark é lido em muitas casas.

No final de seu relato, Rotermund comenta que a 5 de março de 1876 a Fazenda Leão recebera na pessoa do Pastor Schmierer um líder da Igreja. “Os amigos do Reino de Deus esperam que as confusões provocadas por Maurer e as inimizades terminem em breve”.

3. O relato Schmierer⁹

Johann Caspar Schmierer publicou seu relato dez anos após haver iniciado suas atividades em Fazenda Leão. Contrastando com as colocações de Rotermund, suas observações têm, antes, um estilo telegráfico. Mesmo assim, trazem algumas colocações e observações dignas de nota.

Por ocasião de sua chegada, a Fazenda Leão apresentava um aspecto lastimável. Muitas casas haviam sido queimadas, outras tantas haviam sido literalmente saqueadas por adeptos dos Muckers, por soldados e por “bons vizinhos”.

Schmierer vê o acontecimento Mucker como consequência do péssimo atendimento pastoral dado aos imigrantes. Culpa o governo imperial por facilitar o registro de toda espécie de “pastores” e a Igreja alemã pelo desinteresse demonstrado (!) em relação aos emigrados. “A revolta Mucker é uma ilustração para a história da negligência eclesiástica em relação a nossos irmãos emigrados”. Em contraposição a essa negligência, acentua a piedade da família Mentz, da qual provém Jacobina.

Caracteriza-a como uma família luterana, proveniente da Saxônia, a qual não reconhecia os “pastores feitos”, isso é, os pastores-colonos, preferindo não batizar seus filhos, nem solicitar para eles a confirmação. Tais pastores vinham “inspirados” (pela cachaça) ao púlpito, é não pelo Espírito Santo. Não reconhecendo os pastores-colono, a família Mentz, mesmo assim, realizava seus cultos domésticos, orava e lia constantemente sua Bíblia.

⁹ Cf. Friedrich SAUERBRONN. Rede am Napoleonstage. In: *Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien*, São Leopoldo, IS:SS-S9, 1933. Assim se pregava há cem anos. Das obras póstumas do pastor Oswald Hesse, primeiro pároco de Blumenau. In: FLOS (Max). *Unsere Vater - Nossos Pais; zur Erinnerung an das 50-jährige Bestehen der Evangelischen Synode von Santa Catarina und Paraná 1911-1961; em comemoração ao 50º aniversário do Sínodo evangélico de Santa Catarina e Paraná, fundado em 6 de agosto de 1911*. São Leopoldo: Rotermund.

Tendo esse pano-de-fundo, Schmierer vai dizer que Jacobina provém dessa família, mas vai caracterizá-la como “a alma do movimento areligioso e social-político”. Em que estaria Schmierer pensando com tal formulação? A caracterização “areligioso” parece-me ser apologética: quer negar-lhe caráter cristão. Mas, o que fazer com a caracterização “social-político”? Estaria ele retomando a caracterização “comunista”, expressamente rejeitada por Rotermond, ou estaria pensando em movimento de resistência como o caracterizado por Janaína Amado, muitos anos mais tarde?

O marido é caracterizado de charlatão (Kurpfuscher). Suas curas atraem muitas pessoas, logo também atraídas pelos conselhos espirituais de Jacobina. Aos poucos se cria um grupo de seguidores, entre os quais Jacobina “encontra confiança irrestrita”. “Os membros dessa sociedade contam entre as famílias mais respeitáveis, mais eclesiásticas e mais ricas. E isso não é de causar admiração, pois no púlpito da Fazenda Leão e em muitos outros lugares debulhava-se apenas a palha seca; ao invés de se incentivar o bom movimento e de libertá-lo da escória, vociferava-se do púlpito contra “o bando de hipócritas e satânico”. Tenho dificuldades em traduzir a expressão “die Mucker und Schwefelbande”. O conceito “Mucker” é aplicado aqui, claramente, no sentido de “hipócrito”, enquanto que “Schwefelbande” busca caracterizar os adeptos de Jacobina como elementos satânicos. “Schwefel”, enxofre, é o elemento de sataná, do diabo. Schmierer assume uma postura de defesa em relação ao grupo de Jacobina. Enquanto o pastor-colono no detrator é visto como representante do cristianismo do Iluminismo, o grupo em torno de, Jacobina vai ser por ele visto como conseqüência do Reavivamento. Oriundo da Casa de Missão de Barmen, Schmierer é um representante desse Reavivamento! O, que é, pois, o movimento Mucker em suas origens? Para o pastor da Fazenda Leão, o movimento Mucker é, em suas origens, um movimento de reavivamento, o qual, posteriormente, se desencaminha.

Schmierer é de opinião que quando o grupo se organizou teria sido possível canalizar suas boas intenções, caso houvesse havido pastores com boa formação e não apenas pastores-colono. Os pastores-colono, rejeitados pelo grupo Mucker, não tiveram pessoas à altura que os pudessem substituir. Schmierer faz ainda uma outra observação que causa espanto para a época em que foi formulada: “De parte dos adversários via-se toda a atividade dos leigos que fosse livre, consciente e extraeclesiástica, como um crime”. Quem são esses adversários? É quase que natural pensar-se em pastores europeus, oriundos de Casas de Missão ou das Universidades alemãs. Teríamos aqui um caso de clericanismo típico. No entanto, o número desses pastores é mínimo. Estaria Schmierer se referindo a eles, quando pensa que justamente sua presença teria podido evitar a catástrofe? Parece-me que Schmierer está descrevendo os pastores-colono, os “pseudo-pastores”, como clericais. Isso significaria que se deveria rever a tese de Janaína Amado, segundo a qual o movimento Mucker teria sido, também, reação contra a clericalização trazida pelos pastores europeus.

O breve relato de Schmierer dá-nos a seguinte caracterização do grupo de Jacobina: “Os ‘Mucker’ não desenvolveram um credo próprio e não tinham nenhum sistema doutrinal desenvolvido; interpretavam a Bíblia e o que não interpretavam, deitavam nela. No mais, os difamados dedicavam-se a uma vida cristã silenciosa e tornaram-se, com isso, consciência ambulante dos fariseus e escribas presunçosos da Fazenda Leão e vizinhança”.

É em virtude de sua postura que o grupo de Jacobina vai provocar inimizade. Os adversários usam do escárnio, arremedam-nos na rua, cortam-se os rabos dos cavalos, rasgam-se as roupas, destroem-se as caixas de abelha. O corte do rabo do cavalo é explicado por Schmierer como uma das maiores ofensas, segundo conceitos brasileiros.

O movimento até então pacífico modifica-se, assumindo contornos messiânicos. Jacobina é vista como Cristo ou como o Espírito Santo. As passagens

bíblicas que falam dos castigos sobre o mundo descrente são sublinhadas por Jacobina. A comunhão de bens e a comunhão de mulheres são introduzidas. Amaldiçoados são todos os que a contestam. Duas petições dos moradores da Fazenda Leão não obtiveram a atenção das autoridades. Seguiram-se ataques dos Muckers. Só então o governo interveio com forças militares. “A rebelião foi abatida com o auxílio de colonos armados no ano de 1874, com isso também toda a fé no evangelho de Jesus Cristo foi lançada de bordo”. “A Comunidade de Fazenda Leão, em geral, o evangelho no Brasil sofrerão por muito tempo das conseqüências desse engano”.

4. Interpretando posições

Muito tem sido escrito a respeito dos Muckers. Cada autor tem buscado trazer sua interpretação. Não pretendo acrescentar mais uma. Julgo, porém, que os relatos dos dois pastores trazem algumas contribuições que mereceriam algumas considerações, quando no futuro se tentar novamente uma apreciação pormenorizada dos acontecimentos.

Parece-me que os dois pastores evangélicos apontam, inicialmente, para um choque entre uma piedade reavivalista e duas frentes que se lhe opõem: o cristianismo iluminista e o ateísmo materialista, mesclado com um mal digerido darwinismo. Muitos dos imigrantes podem ter sido adeptos do cristianismo iluminista. As pregações dos pastores Sauerbronn e Hesse parecem apontar para pregação do tipo iluminista entre nós. Que tipos de pregações terão usado os primeiros pastores de São Leopoldo e os pastores-colono?¹⁰ Rotermund terá boa parte de seu ministério, em São Leopoldo, devotado a discussões com o principal representante do ateísmo materialista, Carlos von Koseritz.

¹⁰ Cf. Reinhard KÜHNE. Die Auswirkungen der Kulturkampfzeit auf das Deutschtum in Rio Grande do Sul. In: Kurt SCHUBERT (Ed.). *Auslanddeutschtum und evangelische Kirche*. Jahrbuch 1926, M Chen, Kaiser, 1936, p. 310-321.

Como se apresenta a fé exteriorizada pelo reavivamento do Ferrabraz? Ela é nitidamente um movimento em situação de defesa, pois defende seus valores frente aos dois grupos acima mencionados. Trata-se de piedade popular em luta com seus detratores. Há lamento sobre a situação em que se encontra a Igreja, muita leitura bíblica, culto doméstico, seriedade ética. A hermenêutica é alegórica e recebe contornos quiliásticos. A seriedade ética e moral leva-os a ser “consciência” da Colônia, o que, naturalmente, vai levar à reação.

Os integrantes do grupo em torno de Jacobina são caracterizados como os melhores elementos da Colônia. São os “melhores”, os “mais inteligentes”. De modo algum são vistos como “bando de criminosos” ou “comunistas”. Parece-me que apenas em Schmierer se poderia encontrar a opinião de que os adeptos de Jacobina teriam formado grupo “social-político”, no caso comunista. No entanto, seu relato é muito breve para possibilitar tal interpretação de maneira conclusiva.

Parece-me que se torna necessário, após a leitura dos textos dos dois pastores evangélicos, que se revise a “leitura” que se faz dos pastores-colono. Desde a publicação do livro de Janaína Amado, tive também a tendência de ver no movimento Mucker uma reação ao novo tipo de Igreja que começa a se instalar no Rio Grande do Sul desde a chegada de Hermann Borchard, em 1864. Como o cristianismo leigo dos primeiros quarenta anos estaria sendo destruído pela vinda de pastores formados em universidades ou em casas-de-missão, o grupo em torno de Jacobina seria reação ao novo tipo de Igreja. Os relatos de Rotermund e de Schmierer, no entanto, estão a indicar que o movimento de piedade junto ao Ferrabraz parece ser antes reação à Igreja dos pastores-colono! Aqui uma tese parece-me estar sendo carente de retomada.

Fica evidente que o fechamento do grupo sobre si é consequência das pressões externas. Nisso os dois pastores evangélicos concordam com as demais leituras. Importantes são as consequências do movimento para a vida dos imigrantes evangélicos. Vimos na introdução ao presente trabalho que as condições históricas do

Palatinado haviam levado a uma introversão em termos de piedade. Parece-me que os acontecimentos do Ferrabraz levam a uma maior introversão. Piedade, protestantismo, reavivamento, leitura bíblica passam a ser sinônimo de muckerismo. Até hoje os evangelistas têm dificuldades para promover reavivamento nestas áreas. A memória histórica ainda está por demais presente. Rotermond, porém, nos alerta para o fato de que nem toda a piedade estava destruída. Aparentemente ele e seus colegas puderam continuar a construir sobre a piedade que esteve presente no movimento Mucker. A referência à leitura do livro de orações de Stark é um indicativo. As comunidades, porém, teriam que se defrontar com os ataques do grupo em torno de von Koseritz.

A questão Mucker está longe do ponto de ter sido estudada até as últimas conseqüências. Pequenos detalhes que se encontram aqui e ali permitem que se chegue um pouco mais perto dos acontecimentos. As colocações aqui feitas pretendem ser uma contribuição neste sentido.